

CODESIGN E TINGIMENTO NATURAL EM COLEÇÃO FEITA POR E PARA A COMUNIDADE LGBTQIAPN+

Abreu, Breno Tenório Ramalho de; Prof. Dr.; Universidade de Brasília, breno.abreu@unb.br¹

RESUMO

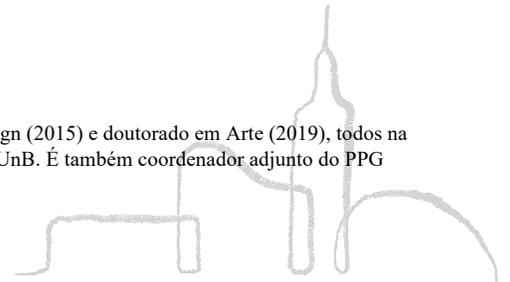
A presente pesquisa trata do desenvolvimento da coleção cápsula “A Cor é Rosa” feita por e para a comunidade LGBTQIAPN+, como resultado de projeto apresentado para o edital Re-farm cria de 2023. A pesquisa teve como objetivo discutir questões envolvendo as cores, gênero e a relação com a moda utilizando o método experimental de tingimento natural com a utilização de pigmentos vegetais e bacterianos.

A comunidade LGBTQIAPN+ tem grande presença na indústria de moda, seja como designers, costureirxs, maquiadorxs, fotógrafxs, stylists, proprietárixs de marcas, dentre outras funções, criando coleções masculinas, femininas e infantis diariamente. No entanto, quando pensamos o quanto a comunidade tem sido atendida pela moda, vemos que muitas marcas não consideram a comunidade como compradores de seus produtos, ou mesmo a raridade de encontrar uma marca direcionada para a comunidade LGBTQIAPN+. Esse não posicionamento foi naturalizado pela moda, mas ele precisa acabar. Como nos coloca João Silvério Trevisan (2018, p.18) “assim como o quadro político-econômico baseia-se no oportunismo do lucro, o consumo funciona como uma faca de dois gumes”, podendo nos enfraquecer ou nos fortalecer, e a comunidade LGBTQIAPN+ precisa ser vista, ouvida e atendida corretamente, se estabelecendo no mercado.

A moda democrática e plural é aquela que olha para a sociedade e consegue lhe contemplar plenamente, pensando em uma diversidade de etnias, tipos de corpos, gênero, sem invisibilizar a histórias de tantas pessoas que querem ser representadas e incluídas. Mas como criar uma coleção para a comunidade LGBTQIAPN+?

Para especialistas em design isso significa, antes de mais nada, que eles devem aplicar uma abordagem centrada no usuário, que focaliza não apenas indivíduos isoladamente, mas também comunidades inteiras. Após esse movimento inicial, eles devem passar para o estabelecimento de um projeto de codesign, no qual todos os interessados possam submeter a sua contribuição para apreciação, não apenas na busca da solução técnica para o problema, mas também na construção de significado, a fim de que faça sentido para todos os envolvidos. Resumindo, ficou claro que esta é a única maneira de assegurar que a solução técnica encontrada será realmente cultural e socialmente aceitável para as pessoas e as comunidades às quais deve beneficiar (Manzini, 2017, p. 59).

¹ Possui graduação em Desenho Industrial (2010), graduação em Ciências Biológicas (2006), mestrado em Design (2015) e doutorado em Arte (2019), todos na Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é professor no curso de graduação e pós-graduação em Design da UnB. É também coordenador adjunto do PPG Design/UnB, editor chefe da Revista Design, Tecnologia e Sociedade e coordenador do LabModa/UnB.



Assim, de acordo com Manzini, a primeira medida no desenvolvimento da coleção foi formar um grupo de designers e não designers, plural, contando com gays, lésbicas, mulheres trans, não binários e bissexuais para o desenvolvimento da coleção. O ponto de partida da temática narrativa foi criada a partir de grupo focal que colocou um ponto em comum: como todos se distanciaram da moda e da experimentação na moda em suas infâncias, a partir do momento que os adultos responsáveis começaram a colocar as regras de vestimentas baseadas em uma sociedade misógina e machista, onde as cores são associadas a gênero, e tipos de peças e modelagens categorizadas de maneira binária. Dessa maneira, o grupo optou por criar uma coleção coletivamente, mesclando elementos de estilo em peças que podem ser utilizadas por qualquer gênero, de tamanhos que variavam de 38 a 54, que pudessem ser trocadas e compartilhadas por todo o grupo, e todas na cor branca ou rosa.

A questão da cor surgiu justamente pelo retorno do debate de que as cores também teriam uma binaridade e para ir contra isso, optou-se por fazer uma coleção monocromática com pigmentos provenientes de bactéria (*Serratia marcescens*) cedidas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e vegetal, utilizando crajirú. O protocolo utilizado foi de acordo com as técnicas de tingimento de Hisako Kawakami (2020).

Outra questão importante da cor rosa é o significado que ela tinha na Alemanha nazista durante a segunda guerra mundial, onde “prisioneiros homossexuais do sexo masculino foram forçados a usar triângulos cor-de-rosa em seus uniformes de prisão, sem dúvida com a ideia de que uma forma tão extravagante seria um sinal inevitável de vergonha” (Campbell, 2019, p. 98, tradução nossa). Quisemos assim também ressignificar a cor e mostrar que ela deve ser uma cor de liberdade, independente de gênero.

O resultado é uma coleção que conta com uma diversidade de peças, entre macacões, vestidos, shorts, quimono, calças, e jaquetas, tingidos inteiramente de rosa. Os looks intercambiáveis, que formam um guarda-roupas coletivo, foram fotografados e filmados (figura 1). A coleção gerou também um e-book com informações sobre tingimento natural vegetal e bacteriano, o desenvolvimento da coleção e os resultados.

Dessa maneira, vemos como processos colaborativos podem ser desafiadores, mas resultarem em coleções mais plurais, representativas, feitas por e para a comunidade LGBTQIAPN+, mostrando a força desta comunidade na moda e a sua capacidade de criar, fazer ciência e construir sentidos para um novo fazer de moda, e uma cultura que se renova constantemente, de maneira plural e democrática.

Palavras-chave: comunidade LGBTQIAPN+; tingimento vegetal e bacteriano; codesign.

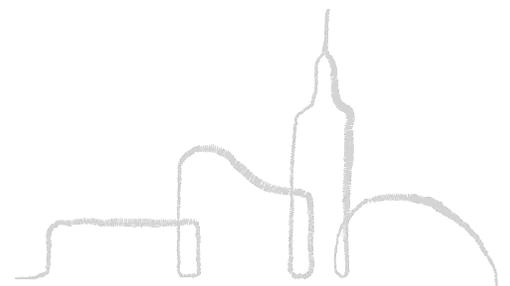


Figura 1: Da esquerda para a direita: a modelo e designer Kihara Rosa; o modelo e designer Thiago Lucas; e a equipe completa que participou do projeto “A Cor é Rosa”.



Fonte: Elaboração própria.

Referências

CAMPBELL, Andrew. **Queer x Design: 50 years of signs, symbols, banners, logos, and graphic art of LGBTQ.** New York: Black Dog & Leventhal Publishers, 2019.

KAWAKAMI, Hisako. **Tingimento Natural: técnicas para extrair pigmentos de plantas e flores.** São Paulo: Vox Gráfica, 2020.

MANZINI, Ezio. **Design: quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social.** São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2017.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

